

ITAN ÀSÉ: O CULTO AOS ORIXÁS EM BELÉM DO PARÁ

*Wanderlan Gonçalves do Amaral**

RESUMO

Este trabalho pretende discutir o Candomblé keto praticado em Belém do Pará. Não é de hoje que os estudiosos das religiões afro-brasileiras têm se preocupado em compreender as formas de ritual existentes na capital paraense, procurando mapear a pluralidade litúrgica e definir a tradição local (FIGUEIREDO, 1968, LEACKOCS, 1972, VERGOLINO, 1976, LUCA, 2010), no entanto, esses estudos enfocaram principalmente a Pajelança e o Tambor de Mina. O Candomblé chega a Belém na década de 1950 com Pai Astianax, que foi à Salvador para ser “feito no santo”, mas é durante os anos de 1970 que o Culto aos Orixás começa a estruturar-se em Belém. Por ser a mais recente das matrizes de culto estabelecida nesta cidade, o candomblé ainda é um campo de pesquisa pouco explorado (CAMPELO, 2001; PERDIGÃO, 2011). Desafiado por essa lacuna vou a campo, com o objetivo de discutir as práticas litúrgicas do candomblé *Ilê Ìyá Omi Axé Ofá Karê*. Pretendo também estabelecer uma comparação entre este terreiro e a *casa mater* baiana a qual o mesmo está ligado por linha de ancestralidade: o Terreiro do *Gantóis*.

PALAVRAS CHAVE: Àsé, Gantóis, Candomblé, Ketu, Transformações.

* Graduando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará, bolsista do PIBIC/CNPQ



INTRODUÇÃO.

O *Ilé Ìyá Omi Àsé Òfá Karé*² (Casa da Mãe das Águas e da Força das Armas de *Òsòdàsìe Òsun*) foi fundado no dia 17 de Julho de 1985. Sua descendência está na árvore genealógica da comunidade de terreiro do *Gantóis*, dirigida durante 64 anos por Maria Escolástica da Conceição Nazaré (Mãe Menininha). O *Ilé Ìyá Omi Àsé Iyámase*, terreiro do *Gantóis*, foi fundado por Maria Júlia da Conceição Nazaré em 1849, dissidente do candomblé do Engenho Velho (Casa Branca). *Gantóis* era o nome do primeiro proprietário (um francês) das terras onde o terreiro foi construído.

É com Nina Rodrigues que este *terreiro* ganha visibilidade, pois foi nele que este pesquisador concentrou boa parte de suas observações e reflexões a cerca do que ele se proponha a estudar “o problema do negro”. Apesar do etnocentrismo dos trabalhos deste pesquisador, suas obras não deixam de ser literatura obrigatória para quem estuda a religiosidade afro-brasileira, primeiro porque seus informantes pertenciam ao candomblé mais tradicional, mais puramente africano de sua época, o candomblé do *Gantóis*³. Nas gerações de pesquisadores que o precederam, o referido terreiro junto com a *Casa Branca* e o *Ilé Àsé Opô Afonjá* tornaram-se pontos de convergência nos estudos africanistas no Brasil, reconhecendo nestes candomblés a continuidade da África do outro lado do Atlântico.

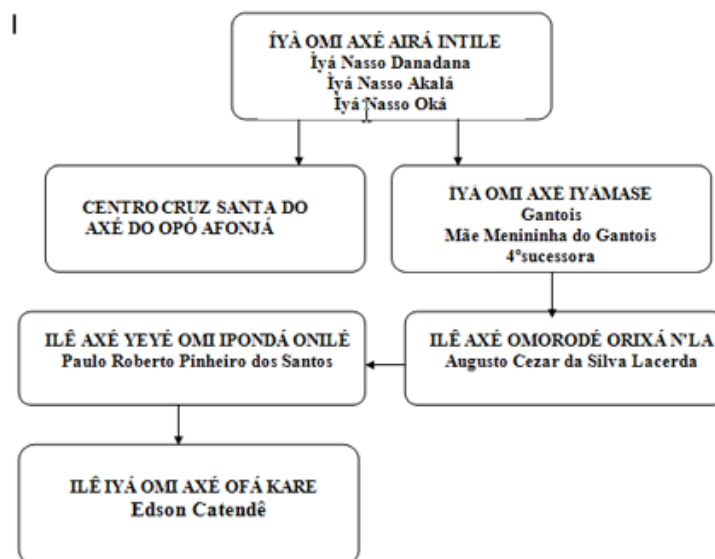
Outra figura muito importante que definitivamente marcou a história desta casa de culto aos *òrìsàs* foi sua quarta sacerdotisa suprema Mãe Menininha, que liderou o *Gantóis* durante 64 anos. Sua sucessora hoje é Mãe Carmem de Oxalá, sua filha caçula, pois neste candomblé a tradição sucessória é matrilinear. O antropólogo Júlio Braga acentua que

"historicamente, o *Gantóis* é um candomblé familiar de tradição hereditária cosanguínea, em que os regentes são sempre do sexo feminino". As características da organização deste terreiro são de quilombos em áreas urbanas, que para o doutor em história Ubiratan Castro caracteriza-se como;

O Entendimento sobre quilombos urbanos ou rurais esta vinculado as áreas que tem características próprias de reagrupamento, mas que mantém sua identidade negra do ponto de vista cultural⁴.

Na extensa área que compõe o território da casa de candomblé, filhos e filhas no santo dividem o espaço com o sagrado fixando ali suas moradias, constituindo ao redor do terreiro uma comunidade, uma pequena “aldeia”, podendo ser observado nisso o que discutiremos mais adiante, quando trabalharmos a “reconstrução” da África no Brasil. Seguindo esta característica, a casa pesquisada neste trabalho entrelaça-se no tecido social belenense, interagindo com as tradições afro-religiosas locais, e adequando o Culto aos Orixás trazido da Bahia as realidades da região, tanto no uso da flora, como também na organização religiosa, política e cultural do *terreiro*.

1. GENEALOGIA DA CASA ESTUDADA:



- **1ºQuadro:**Casa Branca do Engenho velho, primeiro *terreiro* da nação *ketu* fundado no Brasil por três africanas em Salvador no século XIX.
- **2ºQuadro a direita:** primeira dissidência da Casa Branca, o *Ilé Ìyá Omi Àsé Ìyámasé* foi fundado em 1848 por Maria Júlia da Conceição Nazaré.
- **3º Quadro a esquerda:** segunda dissidência da Casa Branca, o *Ilé Àsé Opô Afonjá* foi fundado em 1911 por Mãe Aninha de Sàngó⁵ em São Gonçalo do Retiro na cidade de Salvador.
- **4ºQuadro a direita:** *Terreiro* fundado pelo *Babalorixá*⁶ Augusto Cesar Lacerda, filho no santo de Mãe Menininha do *Gantóis*.
- **5º Quadro:** *Terreiro* fundado pelo *Babalorixá* Paulinho de *Òsòsì*⁷*rombono*⁸da casa do *Babalorixá* Augusto Cesar Lacerda.
- **6º Quadro:***Terreiro* pesquisado, fundado pelo *Babalorixá* Edson da Silva Barbosa,*rombono* da casa do *Bàbàlorixá* Paulinho de *Òsòsì*.

Toda casa de candomblé estrutura-se a partir de dois eixos principais, o primeiro é o *àsé*⁹, quer dizer a crença nas energias que emanam das divindades e que integradas mantém o equilíbrio de tudo, e na segunda temos a hierarquia, que tem como função manter sempre dinâmico e ativo esse *àsé* sendo a guardiã das tradições e a dispensadora dessa energia através dos ritos iniciáticos. Partindo desses pontos começa-se a pensar a estrutura física e arquitetônica das casas de culto que seguem normas fixas indispensáveis para a harmonia entre os espaços sagrados dos *terreiros*. A adaptação às novidades ocidentais, ao tipo de construção (...) não impedem o respeito pelas normas míticas que asseguram o valor religioso dos objetos utilizados¹⁰. Apresento agora um breve resumo sobre a estruturação do *terreiro* estudado e dos rituais que lhe transmitiram o *àsé*.

2. FUNDAÇÃO.

Pai Paulinho de *Òsòsì*, juntamente com o Pai Sergio de *Ògún* e o *Axogum*¹¹ Adalto de *Sàngó* plantaram os primeiros *fundamentos*¹² deste *Ilé*¹³, entre maio, junho e julho de 1985. O *àsé* da casa regido por *Òsun Karé*¹⁴, e a *Colmeeira*¹⁵ regida por *Òsòsì* foram consagradas em 17 de Julho de 1985. Para que um *terreiro* possa exercer suas funções, deve receber *àsé*. O *àsé* é “plantado” e em seguida transmitido a todos os

elementos que integram o terreiro¹⁶. Os sacerdotes que oficializaram estas cerimônias eram todos baianos vindos de Salvador especificamente para isso.

A construção do Templo que começou em março de 1985 foi concluída em 17 de julho de 1987, com a confirmação por *Òsóòsì*, do primeiro *Ogã*¹⁷ da Casa, Manoel Silvestre, com o cargo de *Axogun*. Entre março de 1988 e 1989 são confirmados outros sacerdotes para ocuparem os cargos dentro da nova hierarquia que estava a se forjando, e em maio 1994 são iniciados os primeiros filhos de santo da casa.

Todo esse processo foi conduzido por sacerdotes vindos de Salvador, pois seria a primeira iniciação feita na casa, e a tradição manda que o primeiro filho (a) de santo a ser iniciado em uma casa de candomblé seja “feito” por seu avô ou avó de santo, pois é durante esse momento que o pai ou a mãe de santo recebera de seu iniciador os ensinamentos necessários para se realizar o referido ritual. Por isso, pai Paulinho juntamente com outros sacerdotes auxiliares como a *Iyabasse*¹⁸, a *Ajibonã*¹⁹ e a costureira de seu *terreiro*, acompanhados do *Babalorixá* da casa comandaram todos os ritos desta primeira *feitura*²⁰.

Os membros deste candomblé constituíram-se formando uma grande comunidade que transita pelas várias camadas da sociedade paraense. De bacharéis em direito a pessoas que trabalham como diaristas. São professores (as) universitários, funcionários públicos, militares, artistas locais, trabalhadores assalariados e autônomos. Artistas plásticos com cargos no governo, professores (as) da Universidade Federal e Estadual do Pará, advogados que estão nas secretarias municipais de administração, cantores locais, doutores e doutoras na área das ciências humanas e exatas, militantes do movimento negro, educadores e educadoras que coordenam e trabalham em coordenadorias da Secretaria de Estado de Educação do Pará. Pessoas politizadas que militam nos movimentos sociais da cidade e do estado.

É interessante frisar diante desse quadro socioeconômico, que estas categorias sociais transitam efetivamente pela hierarquia da casa. Pois, como sabemos, na hierarquia do candomblé prevalece a tradição da precedência, ou seja, é o tempo de “*feitura no santo*”²¹ que pesa mais do que classe ou posição social, e essa tradição é seguida na casa estudada. Observamos também que os principais cargos hierárquicos estão dispostos entre os baianos fundadores, ou não, da casa, são eles o *Babalorixá*²², o *Bàbá e Ìyá Kekerê*²³ e o *Bàbá Egbé*²⁴, estes gozam de maior *status* e consecutivamente respeito entre a comunidade.

Os demais cargos auxiliares estão divididos na sua maioria entre paraenses, e baianos obedecendo a tradição da precedência e a vontade dos *òrìsás*.

Durante o processo de iniciação do segundo *barco de yaôs*²⁵, o sacerdote da casa informou que ele já pode contar os seus próprios *egbomes*²⁶, já não foi mais preciso trazer de Salvador, embora os oficiantes principais fossem baianos, no caso o *Babalorixá* e o *Bàbá Kekerê*. De uma certa forma, é sempre pelas mãos dos baianos que se fundamentam as principais liturgias, ficando bastante intrínseca a importância que a Bahia tem quanto a legitimidade da religião dos *òrìsás*. É o que Bastide identifica nos candomblés baianos, passando a classificar tal fenômeno como a “pureza africana”²⁷.

A atividade ritual engendra uma série de outras atividades: música, dança, canto e recitação, arte e artesanato, cozinha etc., que integram o sistema de valores, a *gestalt* e a cosmovisão africana do terreiro²⁸.

É a memória reconstruindo a história do início, através da qual as pessoas construíram uma identidade mítica que legitima sua crença e pertença a comunidade religiosa de um *terreiro*. Portanto, ser baiano neste contexto é ser o detentor da mais antiga tradição herdada dos mais velhos, guardiões da memória coletiva africana²⁹.

É resgatar através da memória coletiva dos candomblés baianos uma identidade negra que os legitima como descendentes de um povo régio trazido como escravo para o Brasil. E a isso nos chama a atenção Michael Pollak;

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade³⁰.

Portanto, sendo o *Ilé Ìyá Omi Àsé Ofá Karé* herdeiro do *àsé* da quinta geração de *babalorixás* iniciados por Mãe Menininha e seus filhos de santo, nos chama a atenção o fato de não existir em Belém outra casa da nação Ketu com origens no referido *terreiro*, e comandada por uma hierarquia composta em grande parte por negros baianos. Nas demais casas a iniciação de seus sacerdotes ou foi em Salvador, ou vieram de Salvador sacerdotes para realizar o ritual, não existindo em Belém outra casa que tenha as características fundacionais e estruturantes do referido *terreiro*.

3. RELIGIOSIDADE NEGRA

Torna-se importante discutir a partir daqui a questão da negritude das lideranças do *terreiro* estudado, pois olhar para Salvador é também reconhecer o candomblé como uma religiosidade negra, lembrando que lá estão as três casas mais tradicionais do candomblé *keto* no Brasil.

Esses terreiros são bem conhecidos na cidade de Salvador – Bahia centro da religião tradicional negro-africana no Brasil, cidade que mereceu a alcunha de Roma Negra... Do terreiro mais antigo que se conhece – onde se instalou o primeiro culto público de *Sàngó* – situado na Barroquinha e, depois, transferido para o Engenho Velho onde existe até hoje, o *Ilé Ìyá-Nássó*, derivaram o *Ilé Òsòòsì* nas terras conhecidas com o nome de *Gantóis* e enfim o *Àsé Òpó Àfònjá*, em São Gonçalo do Retiro³¹.

Podemos também refletir sobre este assunto compreendendo que Salvador remete para os candomblecistas suas origens, seu passado e sua identidade e sobre isso nos fala Michael Pollak;

A referência ao passado serve para manter coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis³².

As lideranças do *Ofá Karé* exercem socialmente um papel preponderante dentro do movimento negro local e nacional, tendo na religião o principal referencial para as atividades desenvolvidas e as mudanças buscadas quanto ao respeito e a cidadania do povo negro e sua cultura. Este candomblé tem se destacado no âmbito social paraense e a nível de Brasil, principalmente por sua militância nos movimentos sociais, e neste caso é interessante frisar o que o *Babalorixá Edson Catendê*³³ nos informou sobre sua participação no movimento negro. Ele nos relatou que quando ele começou sua militância dentro do movimento negro no estado através do CEDEMPA (Centro de Defesa do Negro no Pará) eles viam com reservas as religiões de matriz africana, afirmando que o negro poderia estar em qualquer religião sem necessariamente identificar apenas uma como referencial.

Ele nos disse que, gradativamente através de espetáculos teatrais que falavam da realidade afro-brasileira, e de oficinas de percussão afro, conseguiu mostrar mais claramente, ou melhor abrir mais os horizontes do movimento negro local para o candomblé, e conseqüentemente para as outras modalidades das religiões de matriz

africana. Juntamente com líderes do Cedenpa ele criou o *Afoxé Axé Dudu*³⁴, e por conta dessa iniciativa teve que “assentar” *Sàngó* na sede da instituição como patrono do movimento no estado e do referido *afoxé*. Cabendo todos os anos realizar os rituais necessários sobre o assentamento do *òrisá* renovando assim o àsé do Cedempa e do *Afoxé*.

O *Bàbá Egbé*³⁵ do *Òfá Karé*, Prof^o. Hamilton Sá Barreto coordena na Secretária de Educação do Estado do Pará, a Coordenadoria de Educação para a Promoção e Igualdade Racial – COPPIR. Desenvolvendo importante trabalho político e social na promoção dos direitos humanos. Junto com ele outros filhos da casa articulam na referida coordenadoria, ações que regulam e garantem a aplicação da lei 10.639/2003 nas escolas da rede estadual de ensino, promovendo mesas redondas, seminários, simpósios etc., e³⁶ m âmbito municipal e estadual com alunos e professores, além de movimentos sociais. O *Afoxé Ita Lemi Sinavuru*, e o grupo *Bambarê*, grupos musical e cênico que pertencem ao *terreiro* estudado, colaboram com as ações da COPPIR no sentido de divulgar e refletir sobre as propostas do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas.

Outro instrumento de participação social deste *terreiro* é a AFAIA – Associação dos Filhos e Amigos do *Ilé Ìyá Omi Àsé Òfá Karé* –. Fundada em 17 de julho de 1987, surge junto com o referido candomblé com o objetivo de fortificar a resistência afro-religiosa e lutar contra todas as formas de preconceito e discriminação. Desenvolve ações como projetos, oficinas de dança, música e teatro, voltadas para a arte, cultura e cidadania, mobilizando a comunidade para busca da cidadania plena. Esta ligada ao movimento negro em Belém mantendo parcerias com o CEDENPA, e na esfera nacional com a Fundação Palmares através de parcerias em projetos que visam a cidadania e a independência de pessoas desassistidas pelo poder público, especialmente a população negra e afro-religiosa.

ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS E AMIGOS DO ILÉ ÌYÁ
OMI ÀSÉ ÒFÁ KARÉ- AFAIA é uma entidade sem fins econômicos que surgiu pela necessidade de tratar dos assuntos que envolvam a população negra nos seus aspectos sócios, político e culturais, com ênfase na afro-religiosidade, desenvolve estudos sobre as raízes históricas da comunidade afro brasileira, denuncia todas as formas de preconceito vivida pela população afro, proporcionando conhecimento do processo de marginalização da comunidade afro-religiosa e estimula a participação em organização de caráter profissional, cultural e esportivo, buscando

um tratamento igualitário para que a população negra e principalmente afro- religiosa na descoberta de seu enorme valor na sociedade como parte do povo que contribui na construção da identidade brasileira. <http://www.afaia.org.br/Afaia.htm>

BIBLIOGRAFIA.

BASTIDE, R. O candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BASTIDE, R. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Científica. 2 ed. São Paulo: Atlas S.A, 1991.

LEACOCK, S. & LEACOCK, R. *Spitits of deep*. A study of an afro-brasilian cult. 1972. New York, The American Museum of Natural History. Doubleday Natural History Press.

LUCA, T.T. 1999. Devaneios da memória. A história dos cultos afro-brasileiros em Belém do Pará na versão do povo-de-santo. Monografia de Conclusão do Curso de História. Belém, UFPA.

MICHAELPollak. Memória,Esquecimento,Silêncio; Estudos Históricos - 1989/3

MICHAELPollak.Memoria e Identidade Social; Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PERDIGÃO, Patrícia Moreira. O candomblé em cima do muro: reafrikanização ou ressignificação? / Patrícia Moreira Perdigão. Belém, 2011.

LUCA, T.T. Revisitando o tambor das flores. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGA, Recife, 2003.

SANTOS, Joana E. Os Nàgó e a Morte. 7ª ed. Petópolis: Vozes, 1986.

Universidade Federal do Pará.

_____. Relatório de Pesquisa II: Candomblés de Belém – O povo-de-santo reconta a sua história. 2001. Belém, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Pará.

VERGOLINO e Silva, A. O tambor das flores. Dissertação (Mestrado em Antropologia),PPGAS,Campinas, 1976.

¹Mosaico em pedra com os símbolos do *terreiro Ilé Ìyá Omi Asé Òfá Karé*, site: <http://www.afaia.org.br/Afaia.htm>

²Todas as palavras nativas serão grafadas em Iorubá, por causa da tradição da casa pesquisada.

³Bastidi, 2001, p.22

⁴Castro 2001.

⁵Òrísá da Justiça.

⁶ Sacerdote supremo de um terreiro.

⁷Òrísá da caça e da fartura, vive nas matas.

⁸ Primeiro filho de santo a ser iniciado por um sacerdote ou sacerdotisa do candomblé.

⁹ Força vital, uma espécie de *mana*.

¹⁰Bastide. 2001, p.86

¹¹ Auxiliar de grande categoria, cuja função é sacrificar, dentro de determinadas regras, os animais que serão oferecidos aos Orixás.

¹² “Assentamentos” objetos que contêm àsé das divindades e ficam enterrados sob o centro ou outro local especial do terreiro, constituindo a base mística do mesmo.

¹³ Casa.

¹⁴Uma das qualidades do òrísá Òsun.

¹⁵Assentamento elevado, fixado sobre as vigas que sustentam o telhado do barracão.

¹⁶Juana Elbein. 1986, p.39.

¹⁷ Título honorífico, dado a homens de boa situação financeira e prestígio social ou político, capazes de ajudar e proteger o Terreiro, bem como a outros.

¹⁸ Chefe da cozinha ritual do terreiro.

¹⁹ Sacerdotisa que cuida dos noviços durante sua “feitura”.

²⁰Todas as informações deste parágrafo foram retiradas do site: <http://www.afaia.org.br/Afaia.htm>

²¹ Iniciação. Preparação ritual para servir de suporte ao Orixá, para o ser sacerdote ou sacerdotisa da divindade.

²² Chefe masculino de um terreiro, sacerdote que dirige um candomblé. Denominado popularmente, Pai de Santo.

²³ Pai e Mãe pequenos da casa, são a segunda pessoa na hierarquia.

²⁴ Uma espécie de pai social da casa.

²⁵ Grupo de filhos (as) de santo que se prepara para a iniciação.

²⁶ Iniciados com sete ou mais anos de “feitura”.

²⁷ Bastide. 2001, p. 29.

²⁸ Juana Elbein. 1986, p.38.

²⁹ Carvalho, 1987.

³⁰ Pollak, 1992.

³¹ Juana Elbein. 1986, p.14.

³² Pollak, 1992.

³³ Divindade angolana que representa o clima em geral, o ciclo das estações e as mudanças de tempo.

³⁴ Bloco afro-religioso.

³⁵ Uma espécie de pai social da comunidade.